

## Viagens sem Literatura: As primeiras migrações das primeiras paleolínguas

**João Veloso**

*Universidade do Porto - CLUP*

**Resumo:** A origem da linguagem na espécie humana foi, durante mais de um século, um tema oficialmente banido da abordagem científica da linguística. Mais recentemente, o assunto – que nunca foi abandonado por áreas disciplinares como a antropologia, a biologia evolutiva e a arqueologia, entre outras – tem voltado a ocupar um lugar importante na agenda científica dos linguistas. Da investigação neste domínio, uma das questões mais fascinantes e intrigantes de todas é a seguinte: como se deu a expansão das primeiras protolínguas até todos os recantos habitados hoje pelo Homem. Evidências paleo-históricas e paleolinguísticas de que, nos primeiros milénios da hominização, o Homem foi uma espécie itinerante, levando com essa itinerância o que há de mais intrínseco e distintivo da espécie, oferecem-nos atestações convincentes. Assim, podemos ter um elevado grau de certeza de que, antes das grandes epopeias glorificadoras das viagens humanas, migrações heroicas, longínquas e muito remotas, das quais não reza a história (nem a literatura), propagaram aquilo que viria a tornar as literaturas possíveis.

**Palavras-chave:** Linguagem, Migrações, Proto-línguas, Paleolinguística

**Abstract:** The origins of human language were officially banned, for over one century, from the scientific debate among linguists. Nevertheless, this issue – which has never been forgotten in domains such as anthropology, evolutionary biology or archeology, among others – has returned into the linguistics' agenda. Perhaps the most fascinating question arising from this debate has to do with how did language evolve from the primeval protolanguages and how did languages reach each inhabited place on earth. Paleo-historic and paleolinguistic evidence show us that, in the first millennia of hominization, *Homo* was an errant species,

always carrying the most species-specific human property. It is possible to assume, thus, that, much before the great epics glorifying the most well-known human expeditions, several ancestral migrations, not registered by any historical recordings, took place. These made languages possible and, therefore, they may be seen as the most remote predecessors of literature.

**Keywords:** Language, Migrations, Proto-language, Paleolinguistics

### ***Introito***

Foi com o maior prazer que, não sendo “de Literatura”, me associei ao colóquio que deu origem a esta publicação e é com regozijo que, agora, participo neste volume. Apesar de não ter carreira académica na área, contrariamente ao homenageado e a quase todos os restantes autores, a literatura é o meu maior vício e nunca abdiquei da crença de que é nela, através da manipulação mais poderosa desse outro objeto que me obceca também – a linguagem –, que encontramos a chave que nos conduz à compreensão mais perfeita do *espírito humano*, ao longo de todas épocas e em todas as latitudes e longitudes.

O meu prazer em participar desta publicação não se esgota, porém, neste meu amor à literatura como produto maior do génio humano. Ele tem a ver também com a minha convicção e a minha vontade de, enquanto linguista, contribuir para uma maior abertura da minha disciplina ao diálogo com os praticantes de outras áreas do conhecimento e da cultura. Não pertenço àqueles que, em linguística, se dedicam de forma explícita e especializada às relações entre a organização discursiva e textual e as especificidades do texto literário; não obstante, não esqueço nunca as relações antigas e profícuas entre a poética e a linguística. Procuro não perder de vista, sempre que pertinente, que linguistas e estudiosos da literatura somos todos, pelo menos em parte e até certo ponto, intelectualmente herdeiros comuns de vultos grandiosos como Roman Jakobson ou Óscar Lopes, este último evocado com especial orgulho quando pertencemos à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

O meu maior motivo de alegria e satisfação por fazer parte desta celebração,

contudo, prende-se com uma razão mais pessoal, nem por isso menos preciosa ou menos significativa para mim: a possibilidade de me associar, através da palavra, do estudo e da partilha de conhecimento, a um académico e a um colega como o Professor Gonçalo Vilas Boas, que há muitos anos admiro e vejo como um exemplo e uma inspiração para não desistirmos de uma universidade viajada e lida.

### **Contextualização**

Neste volume, a maior parte dos textos falar-nos-á da chamada “literatura de viagens”: de como, sendo a literatura ela própria uma forma de viagem, pode constituir-se como uma ressustanciação da peregrinação factual ou fictícia (ou semifactual e semifictícia) por paragens mais ou menos exóticas. O registo em palavras das gestas coletivas, pacíficas ou bélicas, dos exílios pessoais, mais ou menos voluntários, ou dos grandes atos criadores (frequentemente associados à *errância*, um dos meus conceitos de eleição), e que nos ficaram de grandes livros e de grandes autores que a todos nos marcaram, constitui, de facto, se não uma função antiga da literatura, pelo menos um dos seus acidentes mais felizes. Cito aqui, para me ficar por exemplos mais grandiosos, o *Épico de Gilgamesh*, a *Ilíada* e a *Odisseia* de Homero, a *Eneida* de Virgílio, o *Êxodo* do *Velho Testamento*, *Os Lusíadas* de Camões, a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, o *Livro de Marco Polo*, *As Viagens de Gulliver* (de Jonathan Swift) – e, não esquecendo escritos da particular predileção de Gonçalo Vilas Boas (que, em certos momentos da minha vida, me fizeram também muita companhia e que eu não conheceria se não lhes tivesse sido apresentado pelo Gonçalo), as narrativas desoladas e aventureiras de Annemarie Schwarzenbach. É desta aliança entre a palavra e a peregrinação que nasce o subgénero literário que aqui festejamos (e que alimenta algumas das minhas leituras favoritas).

O tema que propus para esta comunicação pretende recuar cronologicamente algumas dezenas de milhares de anos relativamente à tradição de registar por escrito – ou mesmo oralmente – as memórias da errância. Tratarei nesta breve apresentação não das migrações que foram *linguisticamente* registadas em texto épico, narrativo, cronístico (chamemos-lhe o que quisermos), mas dos tempos mais ou menos imemoriais em que eram

**as próprias línguas que migravam**, sem deixarem um registo textual fixo, até se sedentarizarem em pontos mais ou menos estáveis do planeta. Só a partir daí e de então (temporal e causalmente) se tornou possível começar a usar as línguas para se fazer o registo – *literário ou não, mas sempre linguístico* –, dessas e doutras migrações.

Em suma: tentarei falar um pouco das primeiras migrações humanas que levaram, através de viagens sem literatura, a linguagem e as línguas a todos os recantos do mundo, tendo dessa maneira tornado possível a literatura, milénios mais tarde, *e, através das viagens da literatura e com a literatura, a literatura de viagens*.

Torna-se muito interessante verificar, no contexto destas jornadas, que a migração – a viagem –, voluntária ou forçada, terá sido um dos primeiros fatores a dar origem à linguagem e à sua expansão, bem como à diversidade linguística que mais tarde viria a possibilitar a literatura e a literatura de viagens.

### ***As origens da linguagem***

O recuo à época das primeiras grandes migrações da espécie humana conduz-nos inevitavelmente a uma outra importante interrogação, relacionada com a própria **origem da linguagem**. Saber quando e onde surgiu a primeira manifestação de atividade linguística (a não confundir com a comunicação ou com outros tipos de intercâmbio semiótico); precisar a etapa da hominização em que determinados primatas se tornaram mais resistentes e dominadores do que outros por desenvolverem a faculdade da linguagem; saber se todas as línguas do mundo descenderão de uma mesma protolíngua (o proto-sapiens,<sup>1</sup> segundo a tese e a terminologia de Ruhlen 1994)<sup>2</sup> – de acordo com a hipótese monogenética inaugurada por Trombetti (1905) – ou de diversas línguas, não forçosamente aparentadas entre si e surgidas em diferentes comunidades proto-humanas já dispersas pelo planeta e mais ou menos na mesma época paleoarqueológica, de acordo com as interpretações poligenéticas mais tradicionais; tentar reconstituir as primeiras raízes e palavras dos primeiros *homines*;<sup>3</sup> agrupar as línguas mais antigas em famílias genéticas e/ou tipológicas; e tentar associar a origem da linguagem ao desenvolvimento de outras capacidades cognitivas e motoras e à inovação cultural e tecnológica dos primeiros

hominídeos – constitui uma aventura intelectual que, encontrando eco em interrogações particularmente caras aos filósofos de todos os tempos (de Platão (*Crátilo*) a Herder (1772) e Rousseau (1871), entre outros, para nos ficarmos somente pelo mundo ocidental), tem sido objeto de diferentes tradições e abordagens epistemológicas numa grande variedade de disciplinas.

Da parte dos linguistas, estas questões só muito recentemente foram de alguma forma integradas, ou reintegradas, no *corpus* de temas passíveis de consideração científica. Com efeito, os linguistas viveram mais de um século marcados por uma espécie de trauma imposto pela proibição da Sociedade de Linguística de Paris que, nos seus estatutos de 1866, oficialmente baniou qualquer discussão ou publicação relacionada com a origem da linguagem na espécie humana:

ART. 2. - La Société n'admet aucune communication concernant, soit l'origine du langage soit la création d'une langue universelle.<sup>4</sup>

É assim que, durante mais de 150 anos aproximadamente, a busca das origens da linguagem humana ficou, de forma praticamente exclusiva, entregue a disciplinas como a biologia (com Darwin, p. ex. – cf. Darwin 1871), a genética (com Luigi Luca e Francesco Cavalli-Sforza, entre outros – cf. L. L. Cavalli-Sforza / F. Cavalli-Sforza 1993; L. L. Cavalli-Sforza 1997; 2000; 2011) ou a arqueologia (com Marija Gimbutas (cf., entre muitos outros, Gimbutas 1970; 1973; 1977) e Colin Renfrew (cf. Renfrew 1987; 1997; Renfrew / Nettle (Eds.) 1999), entre outros).

Os poucos linguistas que se ocuparam da questão ficaram relegados para um plano muito secundário, trabalhando na maior parte dos casos em universidades afastadas do primeiro plano da ribalta académica (como sucedeu com Vladislav Illitch-Svitych, da Universidade de Moscovo, e Aharon Dolgopolsky, da mesma universidade primeiro, depois da Universidade de Haifa); ou, então, foram olhados com algum ceticismo ou mesmo hostilidade pelos linguistas mais *mainstream* (como sucedeu em parte com Joseph Greenberg, da Universidade de Stanford, e com Merritt Ruhlen, com parte da sua carreira nesta mesma universidade).

Em grande parte graças ao crescente diálogo da linguística com as áreas do saber que mantiveram, durante as longas décadas em que os linguistas se arredaram da questão, o interesse pelo tema, recentemente – digamos que a partir de finais dos anos de 1990, e de forma progressiva e muito lenta –, a linguística acabou por reensaiar uma reaproximação às questões em torno das origens da linguagem (cf., para uma contextualização, MacCrohon *et al.* (Eds.) 2014), de que a mais recente publicação de Noam Chomsky é um testemunho eloquente (Berwick / Chomsky 2016). Para essa viragem contribuíram também os estudos de linguistas como os já citados J. Greenberg e M. Ruhlen e o estabelecimento e a expansão de novas disciplinas e paradigmas teóricos dentro da linguística ou na sua periferia interdisciplinar: a biolinguística (graças sobretudo aos trabalhos de Tecumseh Fitch, um biólogo darwinista de formação, professor e investigador na Universidade de Viena, depois de passar por Brown e Harvard – cf. Fitch 1997; 2000; 2005: 2010), a paleolinguística (Blažek *et al.* (Eds.) 2001) e a tipologia linguística (Moravcsik 2013, entre muitos outros).

É neste contexto que devemos entender, p. ex., a realização regular de encontros científicos especificamente consagrados ao tema da origem da linguagem (como as conferências EVOLANG)<sup>5</sup>, os encontros, projetos e publicações que aplicam novos métodos de descoberta à reconstituição fonológica, morfológica e lexical de línguas ancestrais e hipotéticas como o proto-indo-europeu e o hitita (cf., p. ex., as conferências *The Sound of Indo-European*, a que acorrem sobretudo investigadores de universidades checas, alemãs, holandesas, suíças, austríacas e italianas)<sup>6</sup> e os grandes projetos e estudos tipológico-comparatistas onde pontificam nomes como Martin Haspelmath (Projeto WALS, Instituto Max Plack de Biologia Evolucionista, Leipzig)<sup>7</sup> ou Asya Pereltsvaig (Projeto *The Languages of the World*, Universidade de Stanford).<sup>8</sup>

### ***As primeiras migrações humanas***

Concentrar-me-ei de seguida no tema central deste trabalho, que é o que mais de perto se relaciona também com o tema central desta publicação e do colóquio que a originou: as primeiras migrações das primeiras línguas.

Colin Renfrew, um arqueólogo, e Merritt Ruhlen, um linguista, coincidem na

identificação dos quatro fatores que desencadearam a expansão das primeiras protolínguas pelos quatro cantos do mundo (Renfrew 1997; Ruhlen 1997):

- primeiras migrações em massa das primeiras comunidades proto-humanas (c. 12.000 anos a.C.);
- difusão da agricultura no Médio Oriente (c. 75.000 anos a.C.);
- migrações forçadas pelas alterações climáticas (c. 8.000 anos a.C., que terão levado nomeadamente à passagem do estreito de Bering);
- conquistas militares em massa e estabelecimento dos primeiros impérios coloniais, impondo pela força das armas e do controle político, económico, social e militar a hegemonia de determinados grupos étnicos e sociais sobre outros.

Independentemente de nos pormos de acordo ou de algum dia chegarmos (ou não) a conclusões mais categóricas acerca, p. ex., da datação exata do surgimento da linguagem na espécie humana – se apenas no *Homo sapiens sapiens*<sup>9</sup> ou se já, pelo menos em manifestações gramaticais mais rudimentares, em algum homínídeo anterior (e todos os dias praticamente se descobrem indícios que nos fazem pensar numa antiguidade muito remota da linguagem) – ou da reconstituição mais ou menos fiável daquelas que terão sido as primeiras palavras algumas vez produzidas pelo Homem, um dado parece ser certo: as primeiras línguas terão surgido no continente africano há perto de 100.000 anos e daí, acompanhando, por um lado, a necessidade e, por outro, a curiosidade e a coragem dos nossos mais remotos antepassados, foram transportadas em levadas sucessivas para toda a Terra habitada (Renfrew 1997; Ross 1997). Esta assunção parece corroborada, segundo os autores citados e outros que os acompanham na mesma interpretação, pelas investigações arqueológicas, históricas e genéticas.

A diversidade cultural e linguística que hoje nos espanta e maravilha e de que se alimenta a literatura de viagens celebrada nesta ocasião seria assim uma espécie de confronto com um ponto de partida para sempre perdido na Grande História dos períodos mais arcaicos da nossa espécie enquanto espécie cultural.

Podemos afirmar com certeza que, apesar de não terem contado com um Homero ou



um Virgílio, um Camões, um Pêro Vaz de Caminha ou um Fernão Mendes Pinto, um Jonathan Swift, um Paul Bowles ou uma Annemarie Schwarzenbach, tribos e povos de que hoje pouco sabemos, extremamente vulneráveis a todo o tipo de ameaças, conseguiram o grande feito de transporem planícies, montes, vales e mares, levando consigo o ADN que nos distingue minuscilmente de outras espécies, a capacidade de acender o fogo e fabricar instrumentos, o culto dos mortos, os segredos da sementeira – e a capacidade de gerar um número de frases infinito a partir de um número finito de sons, morfemas e palavras e de um número igualmente finito de regras combinatoriais, ou seja, esta faculdade quase miraculosa que os linguistas se sentem no privilégio de estudar a fundo.

É também em jeito de tributo a esses heróis épicos de que não reza a História escrita que gostaria de oferecer hoje esta comunicação ao Prof. Gonçalo Vilas Boas. As viagens empreendidas por estes semeadores dos cereais e das línguas não foram curtas nem fáceis. Como disse, não ficaram registadas nos livros mais ou menos grandiosos que ainda hoje lemos e deciframos com devoção. O que materialmente resta dessas primeiras expedições é muito pouco; o que imaterialmente resta delas é muito e é tudo – é, p. ex., a possibilidade de estarmos hoje aqui a falar destes assuntos.

Duas migrações não registadas em nenhum poema épico, mas que a paleolinguística aliada à arqueologia e à genética dá como certas, são as seguintes (cf., novamente, Ruhlen 1994; Renfrew 1997; Pereltsvaig 2012):

- *a passagem do Estreito de Bering*. Muito perto do Polo Norte, uma faixa de mar gelado separa o extremo oriental da Eurásia do extremo mais ocidental da América boreal. As similitudes lexicais e estruturais entre as línguas faladas no extremo oriental da Sibéria e as línguas faladas no continente americano, diminuindo à medida que, neste, descemos de Norte para Sul (Greenberg / Ruhlen 1997), replicadas pelos parentescos de património genético (que também diminuem à medida que descemos do Canadá para a Terra do Fogo – L. Cavalli-Sforza 1997) levam-nos a ter como certa uma colonização muito antiga, supostamente em resposta a alterações climáticas súbitas e drásticas (Renfrew 1997), de comunidades siberianas (onde a penetração indo-europeia nunca foi muito forte) para a América. Sem um Pêro Vaz de Caminha a acompanhar e a registar, mas levando consigo a



língua ou as línguas que deram origem às línguas em que os ameríndios haveriam mais tarde de narrar os seus mitos até que Colombo os (re)descobrisse, esta foi uma das primeiras levas humanas que chegaram epicamente ao Novo Continente;

- *a expansão das línguas do Pacífico até Madagáscar*. A Ilha de Madagáscar dista umas escassas milhas náuticas do continente africano. Parte substancial da sua população partilha com a população africana características genéticas muito importantes e distintivas (ADN, distribuição do fator Rhesus, fenotipo dominante, p. ex.). Madagáscar está, não o esqueçamos, perto do berço das primeiras línguas. Contudo, as línguas faladas em Madagáscar não pertencem a nenhuma das grandes famílias linguísticas do continente africano. Geneticamente e tipologicamente, são línguas fortemente aparentadas com as línguas austronésias faladas longe, muito longe, como, p. ex., na longínqua Papua Nova Guiné (esse paraíso terreal para qualquer linguista: trata-se da zona do planeta com a maior densidade linguística, medida em número de línguas faladas por unidade territorial)<sup>10</sup>. Como explicar este facto? A única explicação plausível, que é a perfilhada por linguistas, antropólogos, historiadores e arqueólogos, é a de que as línguas de Madagáscar foram trazidas de paragens muito longínquas em expedições marítimas, difíceis e heroicas para a época e para os meios que a arqueologia mostra serem os disponíveis. Estamos perante mais uma vaga de viagens de aventura que não ficou registada pela pena de um Homero ou de um Virgílio, mas testemunhada até aos nossos dias por esta união linguística com origens remotas e distantes, hoje praticamente invisíveis senão aos olhos do gramático.

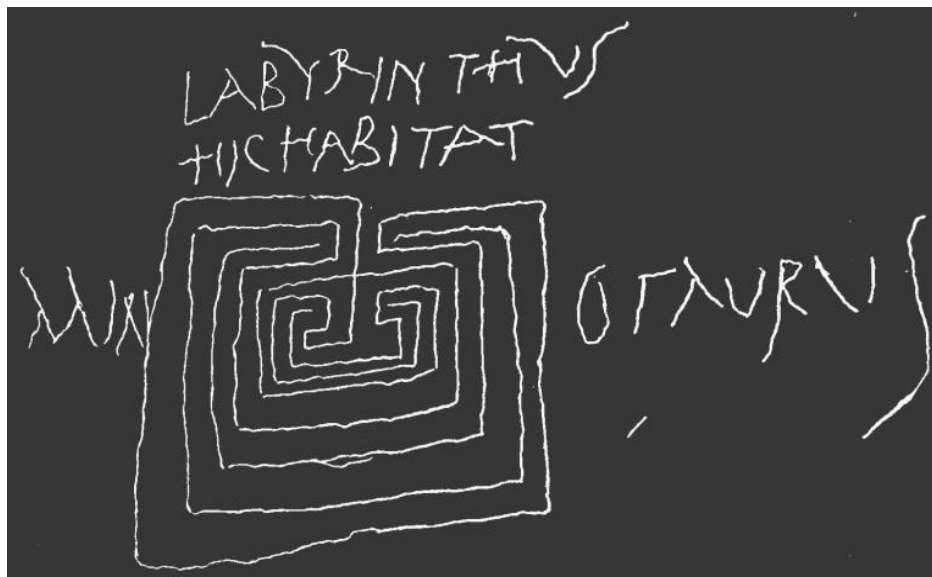
### ***Registos escritos primordiais***

Disse há pouco que estas viagens verdadeiramente épicas não tiveram direito a narrativas escritas grandiosas. Resquícios preservados por tradições orais poderão ter sido preservados e, bastante mais tarde, passados a escrito (como poderá ter sido o caso do *Êxodo* da tradição mosaica, com raízes muito antigas que se perdem em tradições culturais e narratológicas anteriores).

Gostaria aqui, no entanto, e para terminar, de referir um dado arqueológico e epigráfico interessante e que, no contexto deste colóquio, me parece muito feliz também:

algumas das primeiras inscrições que nos sobraram destas línguas ancestrais destinavam-se a marcar o testemunho da passagem de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos por um determinado lugar. A par dos escritos votivos, das inscrições sepulcrais, das assinaturas de artefactos, dos registos de propriedade – de que sobreviveram até aos nossos dias muitas inscrições sobretudo no Sul da Europa –, encontramos marcas gráficas que, tal como as sofisticadas narrativas de viagens lavradas nas línguas disseminadas pelos quatro cantos do mundo que hoje merecem a atenção dos participantes neste encontro, tinham como único objetivo marcar para sempre a passagem fugaz de um indivíduo por um determinado lugar. Como o turista incivilizado de hoje que deixa no pedestal da estátua “João esteve aqui”, encontramos ainda hoje algumas inscrições que serão talvez o primeiro precursor dos modernos *graffiti* e das modernas *selfies*, uma das primeiras intuições de que as línguas embaladas pelos povos em trânsito servem também para isso, para preservar a memória da passagem de um eu existencial por um sítio circunstancial.

As paredes de Pompeios são pródigas nesse tipo de inscrições, como demonstrado pela famosa inscrição à entrada de uma casa particular cujo proprietário teria querido identificar como a labiríntica morada de Minotauro: *aqui é o labirinto em que vive o Minotauro*, o labirinto que é um dos motes deste encontro.



(Fonte da imagem: <https://lholm.wordpress.com/dictionary>. Acedido em 10 de março de 2016)

Terminarei com a referência a alguns achados desse tipo deixados para a posteridade na Península Ibérica: escritos em línguas muito antigas, muito anteriores à romanização (como o lusitano), em grande parte indecifráveis, em alfabetos que são variantes do velho fenício (como o tartésico), encontram-se por exemplo nas margens do Guadiana (cf., p. ex., Rodríguez Ramos 2000).

Desses resquícios destacarei aqui uma estela encontrada em Lamas de Moledo. Trata-se de uma lápide de pedra, do séc. I d.C., escrita numa mescla do que os linguistas e arqueólogos admitem ser lusitano (uma língua pretensamente indo-europeia falada na Península Ibérica e hoje só parcialmente decifrável – cf. Blažek 2006) já contaminado pelo latim tardio que se impunha neste território.

Reza assim, na transcrição de Clackson (2007: 3):

RVFINVS. ET  
TIRO SCRIP/SERVNT  
VEAMINICORI  
DOENTI  
ANGOM  
LAMATICOM  
CROVCEAIMAGA  
REAICOI. PETRANIOI. T  
ADOM. PORGOM IOVEAI  
CAELOBRIGOI

Parece ser a história demasiado simples de dois amigos, Rufino e Tirão, que combinaram encontrar-se ali, em Lamas de Moledo, para sacrificarem a Júpiter algumas rezes (um porco, pelo menos; provavelmente um anho também). Imaginemos por breves momentos, a partir deste relato mínimo, os prazeres vividos num encontro de dois amigos que quiseram estar juntos em torno dos deveres ancestrais e singelos do convívio e do sacrifício, as razões que os terão levado a desejar deixar um registo perene desses momentos fugazes, e sintamos (agradecidamente) esta pulsão nascente dos primeiros dos nossos ancestrais que começaram a esculpir este vício de deixar a recordação de momentos fugazes através de

palavras escritas, numa vontade de ludibriar o *tempus edax rerum* que acabaria por desembocar nas epopeias, nas crónicas, nos relatos e nos romances de viagens que depois viriam e que hoje aqui celebramos.

Um chá no deserto, um porco em Lamas de Moledo, um amante em Pompeios, um quarto com vista sobre Florença – o indomável impulso de registar por palavras aquilo que nos assusta, que nos embala, que nos recompensa ou que nos transporta parece ser tão antigo como o desejo de partir e de errar, levando sempre na bagagem as línguas com que construímos essas memórias. Parece ser assim desde que o Homem é Homem.

### Bibliografia

Berwick, Robert / Noam Chomsky (2016), *Why Only Us. Language and Evolution*, Cambridge MA, The MIT Press

Blažek, V. et al. (eds.) (2001), *Paleolinguistics: The State of the Art and Science. Festschrift for Roger W. Wescott*. *Mother Tongue* 6.

Blažek, Václav (2006), “Lusitanian Language”, *Studia Minora Facultatis Philosophicae Universitatis Brunensis* 11, 5-18.

Cavalli-Sforza, Luigi Luca (1997), “Des gènes, des peuples et des langues”, *Pour la Science. Dossier Hors-Série : «Les Langues du Monde»*, 42-49.

--- (2000), *Genes, Peoples, and Languages*, New York, North Point Press.

--- (2011), *L'aventure de l'espèce humaine. De la génétique des populations à l'évolution culturelle*, Paris, Odile Jacob.

Cavalli-Sforza, Luigi Luca / Francesco Cavalli-Sforza (1993), *The Great Human Diasporas - The History of Diversity and Evolution*, New York, Addison-Wesley.

Clackson, James (2007), *Indo-European Linguistics. An Introduction*, Cambridge, Cambridge University Press.

Darwin, Charles (1871), *The Descent of Man, and Selection in Relation to Sex*, London, Murray.

Dolgopolsky, Aharon (1998), *The Nostratic Macrofamily and Linguistic Paleontology*, Cambridge, McDonald Institute for Archaeological Research.

- (2008), *Nostratic Dictionary*, Cambridge, McDonald Institute for Archaeological Research.
- Fitch, W. Tecumseh (1997), "Vocal tract length and formant frequency dispersion correlate with body size in rhesus macaques", *Journal of the Acoustical Society of America* 102, 1213-1222.
- (2000), "The evolution of speech: a comparative review", *Trends in Cognitive Science* 4, 258-267.
- (2005), "The evolution of language: A comparative review", *Biology and Philosophy* 20, 193-230.
- (2010), *The Evolution of Language*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Fleming, Harold Crane (1991), "A new taxonomic hypothesis: Borean or Boralean", *Mother Tongue* 14.
- Fry, Dennis (1977), *Homo Loquens. Man as a Talking Animal*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Gimbutas, Marija (1970), "Proto-Indo-European Culture: The Kurgan Culture during the Fifth, Fourth, and Third Millennia B.C.", in George Cardona / Henry M. Hoenigswald / Alfred Senn (eds) (1970), *Indo-European and Indo-Europeans. Papers Presented at the Third Indo-European Conference at the University of Pennsylvania*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 155-197.
- (1973), "Old Europe c. 7000-3500 BC: The Earliest European Civilization Before the Infiltration of the Indo-European Peoples", *Journal of Indo-European Studies* 1, 1-21.
- (1977), "The First Wave of Eurasian Steppe Pastoralists into Copper Age Europe", *Journal of Indo-European Studies* 5, 277-338.
- (1992), *Die Ethnogenese der europäischen Indogermanen*, Innsbruck, Institut für Sprachwissenschaft der Universität Innsbruck, Innsbrucker Beiträge zur Sprachwissenschaft, Vorträge und kleinere Schriften 54.
- Greenberg, Joseph H. (2000), *Indo-European and Its Closest Relatives: The Eurasiatic Language Family. Volume 1. Grammar*, Stanford, Stanford University Press.
- (2002), *Indo-European and Its Closest Relatives: The Eurasiatic Language Family. Volume 2. Lexicon*, Stanford: Stanford University Press.

Greenberg, Joseph / Ruhlen, Merritt (1997), “L’origine linguistique des Amérindiens”, *Pour la Science. Dossier Hors-Série : «Les Langues du Monde»*, 84-91.

Herder, Johann Gottfried (1772), *Abhandlung über den Ursprung der Sprache*. [trad. ingl. in Michael N. Foster (ed.), *Herder. Philosophical Writings*, Cambridge, Cambridge University Press, 2002].

Illitch-Svitych, Vladislav Markovich (1965), “Materialy k sravnitelnomou slovariou nostraticheskix iazykov”, *Etimologiya*, 321-396. Trad. inglesa citada por Ruhlen (1994).

--- (1971/1984), *Opyt sravneniya nostraticheskix jazykov*, Moscovo, Nauka. Citado por Pereltsvaig (2012).

McCrohon, Luke / Bill Thompson / Tessa Verhoef / Hajime Yamauch (eds.) (2014), *The Past, Present and Future of Language Evolution Research*, Tokyo, The University of Tokyo.

Moravcsik, Edith A. (2013), *Introducing Language Typology*, Cambridge, Cambridge University Press.

Pedersen, Holger (1903), “Türkische Lautgesetze”, *Zeitschrift der Deutschen Morgenländischen Gesellschaft* 57, 535-561. Citado por Pereltsvaig (2012).

Pereltsvaig, Asya (2012), *Languages of the World. An Introduction*, Cambridge, Cambridge University Press.

Picq, Pascal / Laurent Sagart / Ghislaine Dehane / Cecile Lestienne (2008), *Uma história da linguagem*, trad. Pedro Elói Duarte, Lisboa, Texto & Grafia.

Renfrew, Colin (1987), *Archaeology and Language: The Puzzle of Indo-European Origins*, London, Pimlico.

--- (1997), “La diversification linguistique”, *Pour la Science. Dossier Hors-Série : «Les Langues du Monde»*, 34-40.

Renfrew, Colin / Daniel Nettle (eds.) (1999), *Nostratic: Examining a Linguistic Macrofamily*, Cambridge, McDonald Institute for Archaeological Research.

Rodríguez Ramos, Jesús (2000), La lectura de las inscripciones sudlusitano-tartesias, *Faventia* 22/1, 21-48.

Ross, Philip (1997), “L’histoire du langage”, *Pour la Science. Dossier Hors-Série : «Les Langues du Monde»*, 20-27.

Rousseau, Jean-Jacques (1871), *Essai sur l'origine des langues*. [Paris, Flammarion, 1993].

Ruhlen, Merrit (1994), *L'origine des langues*, trad. Pierre Bancel, Paris, Belin [1997].

--- (1997), "Une nouvelle famille de langues : le déné-caucasien", *Pour la Science. Dossier Hors-Série : «Les Langues du Monde»*, 68-73.

Trombetti, Alfredo (1905), *L'unità d'origine del linguaggio*, Bologna, Beltrami.

**João Veloso**, Doutor e Agregado em Linguística pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, é professor de Linguística na mesma instituição. A sua principal área de investigação reside na fonologia do português, embora os seus interesses incluam domínios e temas relacionados com a tipologia linguística e a variação linguística, entre outros. É, presentemente, coordenador do Centro de Linguística da Universidade do Porto e presidente da Associação Portuguesa de Linguística.



## NOTAS

<sup>1</sup> Outras designações encontradas para esta protolíngua dos primeiros *homines* são proto-mundo ou proto-humano.

<sup>2</sup> Outras propostas de protolínguas, não necessariamente coincidentes com a hipótese monogenética, têm sido subscritas por outros linguistas. Pedersen (1903), secundado posteriormente por Illitch-Svitych (1965) e Dolgopolsky (1988), é autor da proposta do *nostrático*, uma protolíngua que abrigaria na sua descendência línguas tão dispersas como as semítico-hamíticas, o esquimó, as urálicas, as altaicas e as indo-europeias (segundo Pedersen 1903) ou ainda e além destas, de acordo com Illitch-Svitych (1965) e Dolgopolsky (1988), as línguas dravídicas, caucasianas e afroasiáticas. Greenberg (2000; 2002) propõe a existência de uma família eurasiática descendente de uma mesma protolíngua ancestral comum às nostráticas atrás mencionadas mas excetuando as dravídicas e as afroasiáticas. Fleming (1991) é um dos autores da hipótese boreana, que prevê a existência de uma língua ancestral de que descenderiam todas as nostráticas e ainda grande parte das línguas do Extremo Oriente. Para informação detalhada e comparada acerca destas diversas hipóteses, leiam-se, entre outros, p. ex., Ruhlen (1994), o número especial de *Pour la Science* (*Les langues du monde*, Dossier Hors-Série, outubro de 1997) ou ainda os livros, mais recentes, de Picq *et al.* (2008) e Pereltsvaig (2012).

<sup>3</sup> Vejam-se exemplos destas incursões nas noites mais recuadas da história das línguas e da linguagem nos dicionários de raízes proto-nostráticas de Illitch-Svitych (1971/1984) e Dolgopolsky (2008). O primeiro, p. ex., propõe raízes para a forma oblíqua do pronome pessoal da primeira pessoa do singular (*me*) e para os verbos “levar” e “voltar” nas famílias indo-europeia (\*mer, \*pher), afroasiática (\*mar, \*phar) e altaica (\*muru, \*pure). Ruhlen (1994: 238ss.) adianta a reconstrução de um conjunto sugestivo das primeiras palavras do proto-sapiens com base na comparação lexical de centenas de línguas dos cinco continentes, propondo como uma espécie de raízes lexicais primordiais do proto-sapiens as formas hipotéticas \*kw- (*quem*), \*akwa (*água*) e \*tik (*dedo*).

<sup>4</sup> Cf. a reprodução integral da versão de 1866 dos estatutos da SLP disponível no site desta instituição: <http://www.slp-paris.com/spip.php?article5> (acedido em 1 de dezembro de 2015).

<sup>5</sup> <http://www.evolang.org/>

<sup>6</sup> <http://sounds-of-indo-european.webnode.cz/>

<sup>7</sup> <http://wals.info>

<sup>8</sup> <http://www.languagesoftheworld.info> (acedido em 1 de dezembro de 2015).

<sup>9</sup> Ou do *Homo Loquens*, de acordo com Fry (1977).

---

<sup>10</sup> “Papua New Guinea has what is probably the highest language density on the planet, with some 1,000 languages in a land area of some 900,000 km<sup>2</sup> [...] – this is one language every 900 km<sup>2</sup>! And in some areas the density is even greater than that, with as much as one language per 200 km<sup>2</sup>. This language density is unparalleled elsewhere.” (Pereltsvaig 2012: 167). Veja-se ainda a complexa cartografia das línguas faladas neste país da Oceania na página do WALS que lhe é dedicada: <http://wals.info/country/PG#6/-6.500/148.292> (acedido em 1 de dezembro de 2015).